

Santos que Curam e Protegem

registos devocionais no Concelho de Ovar



Imaginária Religiosa Fonte de Culto e Devoção

Embora os primeiros Cristãos não aceitassem a representação da imagem de Cristo, é desde os seus primórdios que a imagem simbólica aparece como parte integrante da política catequética da Igreja. Só a partir do Séc. III, no entanto, é que começaram a aparecer algumas imagens representativas de passagens da vida de Cristo, que tinham como suporte e fonte o *Novo Testamento*. Momentos houve em que quase desapareceram, para noutros surgirem com toda a força, enchendo altares, nichos e estruturas arquitectónicas, cumprindo a sua função pedagógica e reguladora de consciências.

Em latim *Sanctus*¹ significa separado do mundo profano, sendo, portanto, os *Santos* aqueles que foram eleitos para conviverem, no Paraíso, com Cristo. Os primeiros Santos foram escolhidos entre os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo. Mais tarde entraram nessa classificação todos os que viveram em conformidade com os Seus princípios, embora muitos deles somente devam a sua existência a tradições locais e populares. Esta anarquia obrigou a que, no Séc. XII, se legislasse no sentido de trazer para a autoridade do Papa a competência de beatificar e canonizar.

O Culto dos Santos constituía, assim, uma das formas encontradas pela Igreja de Cristo para trazer o politeísmo pagão ao monoteísmo cristão. Pretendia-se, como dizia S. Boaventura, por volta de 1260... *Em razão da incultura dos simples, que não podendo ler o texto escrito utiliza as esculturas e as pinturas como se fossem livros para se instruir nos mistérios da Fé Cristã (...)* Assim, por um dom Divino, as imagens foram executadas nas igrejas para que, vendo-as, nos lembremos das graças que recebemos e das obras virtuosas dos santos...

A estratégia religiosa que acompanhou a política que serviu de orientação às práticas saídas do Concílio de Trento, em 1563, e que deram origem ao que a História convencionou chamar de Contra-Reforma, acarretaram uma profunda revisão no que se relacionava com a representação da imagem dos *Sanctus*. Aos princípios *Nihil Profanum, nihil inhonestum, nihil insolitum* acrescentou-se o poder do cromatismo enquanto factor de sedução e persuasão sobre todos os que, muitas vezes, procuravam em ritos pagãos a explicação para os males da vida. A tradição imposta pelos ventos deste movimento purificador projectou-se muito para lá do seu tempo, lançando práticas culturais e devocionais que, ainda hoje, conseguem congregar multidões à volta da veneração deste ou daquele Santo.

Enquanto símbolos de práticas virtuosas e exemplos de vivências cristãs, as imagens de Santos acabaram por integrar o programa religioso da liturgia cristã e fazer parte do quotidiano de todos os crentes. À Igreja coube, também, o papel de dar forma a todas as crenças e devoções, muitas vezes explicadas pelo folclore, atribuindo a cada uma a sua

própria linguagem simbólica, apresentada através dos atributos, de gestos e da policromia. Práticas e formas de representação idólatras transformam-se em tradições cristãs.

A imagem religiosa constitui a melhor forma de corporizar essa ideia e aproximar da realidade humana a ausência de Deus. As imagens funcionam, portanto, como a materialização da presença, da proximidade, da ligação deste com o outro mundo². Este aspecto é fundamental para se compreender a acção destas imagens sobre os crentes. Perante elas, o crente aproxima-se da divindade distante. Perante o poder mágico e milagroso que elas emanam, o crente rompe e incurta distâncias, permitindo-lhe alcançar mais facilmente os favores de Deus. Enquanto mediadores, os Santos facilmente entram na linguagem dos cultos cristãos. A *Legenda Aurea* de Jacques de Voragine, os textos de S. Boaventura e S. Tomás de Aquino e os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, entre outros, ajudaram a reforçar a ideia de que os crentes se deviam rever nas práticas piedosas daqueles que as imagens representavam.

A igreja, sabendo do impacto que estas imagens poderiam ter sobre as pessoas, soube aproveitar o seu uso no processo moralizador e encaminhador de consciências e formas de vida. Daí as ter usado nas mais diversas manifestações. A procissão, por exemplo, enquanto manifestação de Fé, sempre soube tirar partido da força de persuasão e poder de atracção das imagens, integrando-as como componente essencial de todo o seu aparato cenográfico³.

Há que considerar, ainda, as diversas formas encontradas pela Igreja para divulgar estes *Exemplos de Fé e Conduta Cristã*. Sempre as imagens ocuparam espaço privilegiado nos tempos que, muitas vezes, lhes foram especificamente dedicados. Mais simbólicas, mais distantes da realidade, durante parte da Idade Média, foram-se tornando cada vez mais “figurações vivas”⁴ num apelo constante a práticas devocionais e cultuais.

Ovar não se apresenta, ou apresentou, como uma excepção. Por todo o Concelho, podemos encontrar igrejas e capelas que particularizam este ou aquele culto; por todo o Concelho se realizam grandes festas em honra e louvor deste ou daquele Santo; por todo o lado, enfim, se multiplicam as manifestações de agrado pelos favores e graças que os devotos alcançam nos seus pedidos de ajuda à vontade milagrosa deste ou daquele Santo.

² RIBEIRO, José Manuel - Significado e função das imagens. In *Imaginária Religiosa Barroca*. Paredes de Coura: CMPC, 2002/3. P.15. Catálogo.

³ Não podemos esquecer o hábito de se integrarem *imagens de vestire* e *imagens de roca* nas procissões como forma de aproximar estas representações simbólicas do quotidiano dos crentes e devotos.

A imaginária religiosa que apresentamos nesta Exposição pretende representar algumas dessas vivências piedosas das gentes de Ovar. Percorremos os caminhos da religiosidade Ovarense e fomos à procura de expressões de Fé e de tradições que se materializaram em belas imagens que passaram do imaginário dos crentes para lugar de honra nos altares de igrejas, de capelas e de oratórios particulares.

A qualidade das imagens apresentadas atesta a nossa preocupação em nos termos orientado por valores estéticos, sempre que possível, reforçados pelos valores intrínsecos de cada peça. Apoiámo-nos no princípio de Panofsky que define a iconografia como o ramo da História da Arte que trata do conteúdo temático das obras de arte, enquanto algo diferente da sua forma⁵. Com a aplicação do método iconográfico na leitura das imagens religiosas, a compreensão das figuras passou a ter uma carga mensagética que ultrapassava a própria imagem, enquanto objecto estético. À contemplação e fruição destas belas esculturas acrescentámos, também, o seu significado e a mensagem simbólica que cada uma encarna.

Pretendemos, com esta exposição, sentir e mostrar tão somente um pouco do passado religioso das Terras de Ovar, através da divulgação e estudo dos *Santos que curam e protegem* por estas paragens.

José Manuel Tedim

Professor Associado da Universidade Portucalense - Infante D. Henrique